

LUDOTERAPIA CENTRADA NA CRIANÇA: A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NO SETTINGTERAPÊUTICO

Lara Martins de Souza¹

Laura da Silva Velozo²

RESUMO: Considerando que, por um longo período na história, a infância não era reconhecida como uma fase do desenvolvimento e as crianças eram consideradas “adultos em miniaturas” (Ariès, 1986), entende-se que, com o passar do tempo, a infância foi aos poucos sendo construída socialmente e historicamente, as crianças passaram a ter seus direitos e o desenvolvimento durante essa fase da vida passou a ser melhor estudado e compreendido. Assim, cabe destacar que, a partir do entendimento de tal fase, as brincadeiras passaram a serem vistas como um importante aspecto do desenvolvimento, pois através do brincar, a criança consegue vivenciar sua autenticidade, sendo a aceitação e a compreensão das pessoas ao seu redor fatores importantes para um desenvolvimento saudável. Neste trabalho, objetiva-se compreender a ludoterapia e a importância das brincadeiras durante os atendimentos infantis; conceituar a ludoterapia sob uma perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa; justificar como a criança se expressa a partir de suas brincadeiras; e explicar como o psicólogo pode ser um facilitador no processo de construção da subjetividade da criança. Para tanto, procede-se a análise de diferentes bibliografias presentes em livros, artigos científicos e dissertações através da pesquisa analítica e revisão bibliográfica. Parte-se da hipótese de que, a partir das brincadeiras, a criança vivencia experiências importantes para a formação de sua subjetividade. Antes mesmo de se comunicar com sons, a criança brinca com as pessoas que estão em sua volta, sendo assim, a ludicidade pode ser considerada como sendo a primeira fonte de comunicação infantil.

1370

Palavras-chave: Ludoterapia. Ludoterapia centrada na criança. Brincar. Infância.

ABSTRACT: Considering that, for a long period in history, childhood was not recognized as a stage of development, and children were considered "miniature adults" (Ariès, 1986), it is understood that, over time, childhood was gradually socially and historically constructed, and children began to have their rights, and development during this phase of life began to be better studied and understood. Thus, it is worth noting that, with an understanding of this phase, playtime began to be seen as an important aspect of development because through play, a child can experience their authenticity, with acceptance and understanding from the people around them being important factors for healthy development. In this work, the objectives are to understand play therapy and the importance of play during child therapy sessions; to conceptualize play therapy from a Person-Centered Approach perspective; to justify how children express themselves through their play; and to explain how a psychologist can facilitate the process of building a child's subjectivity. To do so, an analysis of different bibliographic sources from books, scientific articles, and dissertations is conducted through analytical research and literature review. It starts from the hypothesis that, through play, children experience important events in the formation of their subjectivity. Even before communicating with words, children play with the people around them; thus, playfulness can be considered as the first source of child communication.

Keywords: Play therapy. Child-centered play therapy. Play. Childhood.

¹ Aluna no curso de Psicologia, Uniredentor - AFYA.

² Docente no curso de Psicologia, Uniredentor - AFYA . Pós-Graduada em Docência e Gestão do Ensino Superior pela Universidade Estácio de Sá. Pós-Graduada em Neuropsicologia pela Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Graduada em Psicologia pela Universidade Gama Filho.

RESUMEN: Considerando que, durante un largo período en la historia, la niñez no fue reconocida como una etapa del desarrollo y los niños eran considerados "adultos en miniatura" (Ariès, 1986), se entiende que, con el tiempo, la niñez fue gradualmente construida social e históricamente, y los niños comenzaron a tener sus derechos, y el desarrollo durante esta fase de la vida comenzó a estudiarse y entenderse mejor. Por lo tanto, vale la pena destacar que, con una comprensión de esta etapa, el tiempo de juego comenzó a considerarse un aspecto importante del desarrollo, porque a través del juego, un niño puede experimentar su autenticidad, con la aceptación y la comprensión de las personas a su alrededor siendo factores importantes para un desarrollo saludable. En este trabajo, los objetivos son comprender la ludoterapia y la importancia del juego durante las sesiones de terapia infantil; conceptualizar la ludoterapia desde una perspectiva del Enfoque Centrado en la Persona; justificar cómo los niños se expresan a través de su juego; y explicar cómo un psicólogo puede facilitar el proceso de construcción de la subjetividad de un niño. Para ello, se realiza un análisis de diferentes fuentes bibliográficas, como libros, artículos científicos y tesis, a través de la investigación analítica y la revisión de la literatura. Se parte de la hipótesis de que, a través del juego, los niños experimentan eventos importantes en la formación de su subjetividad. Incluso antes de comunicarse con palabras, los niños juegan con las personas que los rodean; por lo tanto, se puede considerar que la ludicidad es la primera fuente de comunicación infantil.

Palabras clave: Ludoterapia. Ludoterapia centrada en el niño. Jugar. Infância.

INTRODUÇÃO

1371

O presente trabalho intenciona compreender a ludoterapia e sua importância durante os atendimentos psicoterapêuticos com crianças. Neste artigo, a ludoterapia será conceituada sob a perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP); buscar-se-á compreender como a criança se expressa pelas suas brincadeiras e também como o psicólogo pode ser um facilitador no processo de construção da subjetividade infantil. Para a construção deste artigo, partiu-se da hipótese de que é através das brincadeiras que a criança vivencia experiências importantes para a formação de sua subjetividade.

Diante do exposto, torna-se necessário justificar que, levando em consideração a história social da criança, de acordo com os estudos de Ariès (1986), é a partir do entendimento dessa fase da vida que as brincadeiras passaram a exercer um importante papel no desenvolvimento das crianças. É através de tais brincadeiras que a autenticidade é vivenciada, e a aceitação e a compreensão das pessoas que estão no ciclo social da criança são entendidas como sendo importantes para um desenvolvimento saudável desta fase da vida, visto que as brincadeiras infantis auxiliam no desenvolvimento social.

Compreendendo que é através do brincar que a criança expressa sua subjetividade e autenticidade, a ludoterapia centrada na criança faz com que o psicólogo seja um facilitador do processo terapêutico. É necessário que a criança se sinta livre e à vontade durante a terapia, e também é imprescindível que o profissional crie um ambiente favorável para que seu cliente, no caso, a criança,

se sinta livre e que possa expressar seu jeito de ser a partir das brincadeiras e as histórias contadas ao longo das mesmas. Desta maneira, torna-se necessário primeiramente compreender a ludoterapia de uma maneira geral, a partir da perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa, para que assim as brincadeiras também possam ser entendidas dentro do contexto da psicoterapia. Para que o processo terapêutico flua, o psicólogo deve ser um facilitador a fim de oferecer um espaço onde a criança seja livre para expressar e construir sua subjetividade através de seu brincar. Assim, compreendendo toda a ludoterapia, as crianças poderão se sentir acolhidas e confortáveis no *setting* terapêutico e será possível oferecer aos responsáveis uma diretriz de como é o trabalho do psicoterapeuta com seus filhos.

METODOLOGIA

A fim de alcançar os objetivos propostos procedeu-se um estudo bibliográfico através de busca textual na plataforma de pesquisa Google Acadêmico®, utilizando-se como marcadores os termos: “ludoterapia”; “brincar”; “ludoterapia na Abordagem Centrada na Pessoa”; “infância”; “Carl Rogers”. Nestas fontes não foi utilizada nenhuma delimitação quanto ao ano de publicação, entendendo-se que se trata de um assunto vasto, o que contribui para a perspectiva central do tema e corrobora sua construção temporal e histórica. O único critério de exclusão foi a não descrição diretiva da ludoterapia sob a concepção da Abordagem Centrada na Pessoa, além do papel do psicólogo no espaço terapêutico infantil e do conceito de infância. Os textos utilizados foram previamente selecionados a partir da leitura dos resumos fornecidos e prosseguiu-se a leitura dos que contemplavam os objetivos deste trabalho. Sendo assim, o presente trabalho transcorrerá com base no método conceitual-analítico, utilizando conceitos e ideias de diferentes autores para uma construção e análise sobre o objeto de estudo (Carlo, 2015; Eco, 2002).

1372

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA – DESENVOLVIMENTO

Contextualização histórica sobre a infância

Durante um longo período na história, as crianças eram tratadas como “adultos em miniatura” devido ao desconhecimento sobre as etapas do desenvolvimento físico e mental característico da faixa etária. Historicamente, a análise sobre as relações sociais, infância e escola teve seu início a partir do século XIX, quando a criança passou a ser vista como um sujeito histórico e possuidor de direitos. Tais mudanças começaram a ocorrer a partir do século XX, precisamente em 1970, por conta da publicação do livro “História Social da Infância e da Família” de Phillipe Ariès (1981). Assim, a

infância passava a ser entendida no seu contexto social e econômico sob a perspectiva das diferentes idades. Os estudos de Ariès foram uns dos pioneiros nesta discussão e destacaram a importância de entender a infância como marco de suas necessidades Provindas da idade cronológica (Linhares, 2016).

Antes, a vida era vista de maneira homogênea, sem a diferenciação entre os períodos da vida. Segundo Ariès (2002; n.p) “o sentimento de infância foi construído socialmente no final da idade média, até então as crianças eram tratadas como ‘adultos em miniaturas’ e que necessitavam de cuidados básicos só até conseguirem executar tudo sozinhas”. São notórias as modificações dos termos empregados para identificar o que Philippe Ariès denominou de “idades da vida”. De acordo com o autor, palavras como “criança”, “adolescente” e “adulto” só foram surgir com a sociedade moderna. Tal análise foi construída a partir de obras de arte, onde foi possível identificar que as crianças eram retratadas de forma adulta, como se fossem miniaturas, confirmando a ausência de sentimento de infância (Linhares, 2016).

1373

Ariès (1981) também mostra que a ausência do sentimento de infância é facilmente notada a partir da análise do alto índice de mortalidade infantil e infanticídio praticado pelas mulheres da idade média. Era comum entre as famílias as perdas de filhos ainda pequenos e isso era entendido como algo natural, pois poderiam ser substituídos por outros. Entre o final da idade média e início da idade moderna, é perceptível como na literatura e nas pinturas as crianças passaram a ganhar espaço, demonstrando que aos poucos a sociedade passava a ver naquele momento a infância sob um novo olhar. Assim, a criança passava a ser possuidora de direito a uma infância tranquila, cuidados próprios de acordo com sua idade, não somente de dependência, mas também para suas capacidades cognitivas. Isso só se torna possível graças ao uso de brincadeiras como forma de aprendizagem (Linhares, 2016).

A Abordagem Centrada na Pessoa, uma breve apresentação

A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) foi desenvolvida pelo psicólogo norte-americano Carl Ransom Rogers (Rogers & Kinget, 1972, p. 39), e parte do pressuposto de que:

Todo ser humano tem a capacidade de compreender-se a si mesmo e de resolver seus problemas de modo suficiente para alcançar a satisfação e eficácia necessárias ao funcionamento adequado. (...) Ele tem igualmente uma tendência para exercer esta capacidade. (...) Esta capacidade é entendida como integrante de seu conteúdo natural, (...) mas a atualização eficaz desta potencialidade não é automática.

Assim, a atualização eficaz da potencialidade do ser humano acontecerá a partir de uma relação

intersubjetiva, onde um ambiente facilitador, que proporciona aceitação e acolhimento, é oferecido ao cliente.

Segundo Belém (2000), Rogers, em 1949, afirmou que não são as técnicas que norteiam a prática clínica na ACP, mas sim as atitudes do terapeuta. Dessa maneira, a técnica não demanda nenhum comprometimento pessoal por parte do psicólogo. Ao contrário destas, as atitudes não são adotadas à vontade e segundo as necessidades do momento. Na psicoterapia no geral, as técnicas foram as primeiras a despertar a atenção, porém, na ACP, o interesse se volta cada vez mais para os “fatores menos mecânicos, menos espetaculares e menos ‘sábios’ da interação terapeuta-cliente” (Rogers & Kinget, 1972, p. 74).

A proposta da Abordagem Centrada na Pessoa é que seja uma psicoterapia que proporcione um clima facilitador, sem julgamentos, obstáculos ou condicionamentos ao cliente. Dessa maneira, o clima facilitador possibilita que o cliente encontre em si seu ponto de referência, que é criado pela relação eu-tu, de respeito e confiança. Para facilitar a busca de si no cliente, o psicólogo precisa apresentar três atitudes fundamentais para a mudança terapêutica, sendo elas: a consideração positiva incondicional; a compreensão empática e a congruência (Rogers, 1995; 1992).

1374

A consideração positiva incondicional é a aceitação do cliente da forma como ele é e se apresenta, seja ele quem for, o que sente e o que experencia no momento (Rogers, 1983; Freire e Tambara, 2007). Já a compreensão empática é considerada como a capacidade que o terapeuta tem de perceber o mundo de seu cliente da mesma forma que ele o vê, ou seja, de se colocar verdadeiramente no lugar do outro, sem perder ou acrescentar sua própria experiência. Compreender de maneira empática não é interpretar intelectualmente os elementos trazidos pela pessoa, mas sim, quando o terapeuta busca acolher tais elementos de forma que o cliente consiga perceber o seu meio. Vale destacar que não é uma tarefa simples, é preciso que o psicólogo se abstenha, por um determinado momento, de seus valores, sentimentos e necessidades para não aplicar seus próprios critérios que guiam sua vida profissional em seus clientes (Rogers e Kinget, 1977).

Por fim, a congruência é entendida como a atitude do terapeuta de ser ele mesmo em relação a seu cliente, ou seja, de viver abertamente seus sentimentos e atitudes que venham a surgir no momento. Tal atitude está diretamente relacionada à autenticidade

(Rogers, 1997). Assim, ser congruente não significa tornar a relação terapêutica como uma qualquer, mas sim que o cliente e o terapeuta não necessitam assumir um papel, um personagem para atender à expectativa um do outro.

Compreende-se, assim, que na Abordagem Centrada na Pessoa, o terapeuta irá atuar como um facilitador do processo de desenvolvimento de seu cliente. Sendo assim, a terapia é centrada nas demandas do cliente e em seu ritmo, o terapeuta não a conduz baseia-se no princípio da não-diretividade (Rogers, 1992). A base dos atendimentos engloba elementos importantes que, sem eles, não é possível uma facilitação de fato do cliente. Tais elementos têm ênfase na confiança de que o indivíduo é bom em sua essência e que nele há uma tendência ao crescimento e realização construtiva de infinitas possibilidades. Assim, há uma tendência natural a um desenvolvimento completo, além de sua própria capacidade que lhe permite se desenvolver segundo tal tendência (Rogers, 1983).

O brincar e a Abordagem Centrada na Pessoa

Através do brincar, é possível observar que a criança vivencia importantes experiências para sua formação pessoal, brincando ela é capaz de conscientizar-se do mundo ao seu redor e perceber-se como Ser-No-Mundo. Ao se entregar no brincar, a criança vive sua personalidade, ou seja, é possível observar um encontro consigo mesma, onde diversas experiências vividas podem se organizar, compondo seu modo de enxergar o mundo (Melo, s.d).

1375

Quando uma criança está brincando, ela se expõe verdadeiramente pois, para ela, esse momento é somente seu e único, onde não se faz necessário esconder-se pois, aos olhos externos, a criança está somente brincando; porém, para si, ela está vivenciando experiências muito importantes para seu desenvolvimento. A liberdade que a criança sente ao brincar, faz com que ela vivencie sem medo seu verdadeiro jeito de ser, fazendo com seus sentimentos aflorem e sejam vividos intensamente (Melo, s.d)

Quando se sente aceita, perante sua liberdade, a criança conversa com seus brinquedos e sua imaginação é colocada em prática. Durante tal experiência extremamente rica e importante, a criança vive suas tensões, tristezas, conflitos, alegrias, frustrações; ou seja, todos seus sentimentos. Também, utilizando seu brincar, a criança coloca em prática sua tendência atualizadora, fazendo com que seu momento “mágico” e único proporcione um ambiente facilitador e positivo para seu crescimento pessoal (Melo, s.d)

É notório que as crianças se conectam afetivamente com as pessoas que estão próximas a elas, principalmente àquelas que lhes proporcionam atenção e facilitação perante suas realizações pessoais, através do respeito pela sua maneira de perceber o mundo e também de agir nele. Isto é, a criança cria um maior vínculo com as pessoas que respeitam sua individualidade e aceitam seu modo de ser.

Dessa maneira, é possível observar a Aceitação Positiva Incondicional no brincar, onde as brincadeiras são as experiências mais marcantes da infância, sendo a criança capaz de perceber-se e aceitar-se como pessoa a partir de tais brincadeiras (Melo, s.d)

Dessa forma, as experiências vivenciadas nas brincadeiras infantis são processos evolutivos que constroem a autoconfiança da criança, pois, a partir do momento em que ela se conscientiza de que é capaz de realizar uma tarefa, ela busca sua evolução a fim de conquistar outras capacidades. Pode-se afirmar que a brincadeira não é somente um momento de lazer, mas sim é a descoberta, a persistência, a perseverança, o desenvolvimento do raciocínio, ou seja, é o crescimento. O brincar faz com que a criança perceba o valor de sua conquista que foi adquirida pelo seu próprio esforço. Assim, momento lúdico é de extrema necessidade e importância, pois, a partir dele, é possível que a criança amplie seus horizontes (Melo, s.d)

Ludoterapia Centrada na Criança

1376

A ludoterapia pode ser definida como uma oportunidade oferecida para a criança de crescer com melhores condições. Por ser uma abordagem não-diretiva e acreditar na capacidade positiva de cada um, favorece que a criança entre em contato com seus sentimentos a partir do momento em que se sentir em condições, segura e disposta (Axline, 1982).

A Ludoterapia trata-se do tratamento psicoterápico voltado à criança. É a psicoterapia realizada através do lúdico, do brincar, e tem como objetivo facilitar a expressão da criança. É através do brincar que a criança tem maior possibilidade de expressar seus sentimentos e conflitos e buscar melhores alternativas para lidar com essas demandas. A Ludoterapia é baseada no fato de que o jogo é o meio natural de autoexpressão da criança. É uma oportunidade dada à criança de se libertar de seus sentimentos e problemas através do brincar (Axline p.9. 1982).

É baseada na hipótese de que o indivíduo tem a capacidade de crescimento e autodirecionamento. Diferente de outras situações do cotidiano, o momento da ludoterapia é aquele que pertence à criança, onde o terapeuta está completamente disponível para acompanhar, compreender, oportunizar calor humano, mas também dirigir o processo em determinado momento (Dorfman, 1992).

A ludoterapia centrada na criança não é baseada em técnicas, mas sim em atitudes terapêuticas que são vivenciadas de maneira genuína pelo psicólogo. Nos encontros terapêuticos, se fazem necessárias as atitudes básicas de fé no potencial da criança, para que ela encontre um caminho saudável, aceitação das ações e palavras trazidas pelas crianças, e respeito pelo seu estilo,

peculiaridade, forma de se expressar e ser. Assim, o elemento terapêutico está presente na relação estabelecida entre a criança e o terapeuta. É a partir da experiência de ser aceita e valorizada incondicionalmente que a liberação das forças de crescimento da criança e a mudança terapêutica são enfatizadas (Moustakas, 1953 *apud*. Bertolin & Colovini, s.d.).

Para que a alteridade que se apresenta na criança surja, é preciso que haja uma compreensão da infância, dos elementos que vêm à tona no pensar sobre o ser criança, o remeter-se ao que se foi quando criança e, em um momento adiante, o afastamento de detalhes compreensões (Lévinas, 1961/1988). Quando a infância é pensada como um período no qual o mundo das brincadeiras, fantasias e sonhos é vivido, ou seja, um período feliz, de alegria e de despreocupação, pode-se deparar com a realidade de que essa vivenciada infância pode não ser a que todas crianças vivem (Frota, 2007).

Para que haja o acesso à criança em sua alteridade, é necessário o afastamento do movimento de compreensão e entendimento sobre ela. Dessa forma, o ludoterapeuta não pode perder a noção de que algo sempre escapará na relação com o infinito que pode se apresentar a partir da interpretação e das exigências do Rosto da criança. A comunicação com a criança requer que a direção seja não mais do terapeuta para ela, mas sim o contrário, dela para o terapeuta. Portanto, não é viável que haja uma adaptação de sua fala ao que se compreende como familiar ou identificável, mas estabelecer comunicação a partir de vias que são “estranhas”, ou seja, que exige do psicólogo novas configurações. Assim sendo, encontrar com a criança que chega ao atendimento é ter que lidar com sua alteridade em sua absoluta radicalidade (Brito e Freire, 2014).

De acordo com Axline (1947/2013, p.26) o termo “auto-diretiva” seria mais adequado para caracterizar a prática da ludoterapia, uma vez que a brincadeira é o meio natural que a criança usa para se expressar, onde durante o brincar, ela demonstra seus sentimentos através dos brinquedos. Em seu livro “Ludoterapia – A dinâmica interior da infância”, a autora apresenta um entendimento de personalidade pela noção de ajustamento da criança. A ideia central é de uma força poderosa, existente em todos os sujeitos, direcionada para uma completa autorealização, maturidade, independência e autodireção. Tais fatores fazem parte do desenvolvimento infantil, considerado como dinâmico e marcado pelas experiências vividas ao longo de sua vida. (Bloc, et. al., 2021)

Sendo assim, o ludoterapeuta estabelece uma comunicação com a criança através da brincadeira, onde cria-se um espaço de expressão dos sentimentos e de ampliação da consciência. Cabe ressaltar que no setting terapêutico, o profissional não se apresenta como figura de autoridade ou como substituto dos pais, ele está sempre atento ao que a criança expressa e o que é manifestado na terapia

através das atitudes, e não técnicas (Axline, 1947/2013). Apesar de apresentar a criança e o profissional em uma posição de maior atividade no desenvolvimento dos atendimentos, Axline destaca também que o sucesso da terapia é de responsabilidade do terapeuta, sendo que é necessário que o mesmo demonstre segurança, evitando envolver-se emocionalmente com a criança. Dessa forma, o terapeuta respeita a criança atendida, porém, não assume uma postura rígida ou excessivamente flexível (Bloc, et. al., 2021). Axline (1947/2013) propôs oito princípios para que a ludoterapia ocorra, sendo eles:

O desenvolvimento de um relacionamento com a criança, para que se estabeleça *rapport*; a aceitação da criança como ela é; o estabelecimento do sentimento de permissividade na ludoterapia, para que a criança expresse livremente seus sentimentos; a terapeuta deve estar sempre alerta para identificar os sentimentos expressos pela criança e para refleti-los para ela; o respeito pela capacidade da criança de assumir a responsabilidade e resolver seus problemas; não dirigir as ações ou conversas da criança de forma alguma, deixando que ela indique o caminho; não abreviar a duração da terapia; o estabelecimento de limites mínimos necessários para o desenvolvimento da terapia (Bloc et. al., 2021, p. 217).

Segundo Schmid (2006), uma pré-condição para o desenvolvimento do conhecimento científico é que haja um desapego do lugar-comum, ou seja, daquilo que é familiar. Significa se desprender dos desejos individuais de compreender, no sentido de totalizar, de manter o Mesmo. O contato com a criança deve ser o mesmo, pois, se tal contrato que tem-se com ela se dá a partir de uma objetivação, de um conceito prévio, sua alteridade assimila-se ou se absorve naquilo que já é conhecido. É preciso enxergar a criança como um ser estranho, alguém impossível de compreensão, ou seja, é necessário sair dos “acessos indiretos” à criança, que traçam uma representação dela para o psicólogo, para que seja possível que ela fale por si mesma (Brito e Freire, 2014). A disponibilidade pela criança vai além da escuta e da resposta verbal, se dá também através da vulnerabilidade e desalojamento físico. Para que isso ocorra, deve-se utilizar o corpo como instrumento terapêutico para que assim seja possível responder a chamada da criança em suas experiências lúdicas durante o atendimento (Brito, 2008). No atendimento com a criança, o corpo do terapeuta passa a ser parte da brincadeira.

Dessa maneira, a postura do terapeuta deve ser baseada na escuta e na resposta à criança na forma como ela se apresenta no atendimento (Brito e Freire, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente trabalho, objetivou-se compreender a ludoterapia e destacar a importância das brincadeiras durante os atendimentos infantis. Através dos estudos sobre a Abordagem Centrada na Pessoa, a ludoterapia foi conceituada como uma abordagem terapêutica que reconhece o brincar

como um valioso meio de expressão e compreensão da criança. No decorrer do artigo, a hipótese sobre o papel das brincadeiras para a construção de uma subjetividade infantil foi confirmada por meio de pesquisas bibliográficas em livros, artigos científicos, dissertações, dentre outras fontes.

Foi possível observar que, desde os primeiros momentos de interação com o meio e seu ciclo social, a criança recorre ao ato de brincar como uma maneira de se comunicar, experimentar situações e compreender o mundo ao seu redor. Sendo assim, a ludicidade se revela como uma das primeiras fontes de comunicação e expressão infantil e as contribuições da ludoterapia são inegáveis. Por fim, é cabível ressaltar a relevância do profissional da psicologia como um facilitador no processo terapêutico, pois, na ludoterapia,

o psicólogo não apenas cria um espaço seguro para a criança se expressar, mas também desempenha um papel ativo na interpretação das brincadeiras, ajudando a compreender as emoções, pensamentos e conflitos internos que podem emergir durante a terapia. Não obstante, salienta-se que este trabalho não se propôs a esgotar o tema, mas apresentar algumas considerações relevantes a respeito do ambiente terapêutico infantil e o que envolve o papel do brincar e a atuação do psicólogo nesta dinâmica, incitando novas produções acerca do tema.

1379

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AXLINE, V. M. Ludoterapia. Belo Horizonte: Interlivros, 1982.

BELÉM, D. Carl Rogers: do Diagnóstico à Abordagem Centrada na Pessoa. Recife: Bagaço, 2000.

BERTOLIN, R. E; COLOVINI, C. E. Ludoterapia Centrada na Criança. [s. l]: [s. n], [s. d]

BLOC, L. G; BRITO, R. A. C; CAVALCANTI, V. S. M; FREIRE, J. C. Da ludoterapia não-diretiva à ludoterapia centrada na criança – desenvolvimento histórico. Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica | Vol. XXVII-02 (2021) | 213-226

BRANCO, T. M. C. Histórias infantis na Ludoterapia Centrada na Criança. 2001.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Psicologia. PUC/Minas, 2001.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990a.

BRITO, R. A. C. Psicoterapia Não-Diretiva de Rogers e Ludoterapia Não-Diretiva de Axline: Relações e Reflexões. 2008. Monografia - Graduação em Psicologia. Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

BRITO, R. A. C; FREIRE, J. C. Ludoterapia centrada na criança – uma releitura a partir da ética de Emmanuel Lévinas. *Revista da Abordagem Gestáltica -Phenomenological Studies – XX(I): 118-127*, jan-jun, 2014. <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672014000100015&script=sci_abstract&tlng=pt> . Acesso em: 20 de junho de 2023

CARLO, Ivan. *Introdução à Metodologia Científica*. Pará de Minas (MG): Virtualbooks, 2015.
DORFMAN, E. Ludoterapia. In C. R. Rogers (Org.), *Terapia Centrada no Cliente*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FROTA, A. M. M. C. (2007). Diferentes concepções de infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. Rio de Janeiro: Estudos de Psicologia, 2007. p. 147-160. In C. R. Rogers (Org.), *Terapia Centrada no Cliente*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LÉVINAS, E. (1988). *Ética e Infinito*. Lisboa: Edições 70 (Original publicado em 1982).

LINHARES, J. M. *História Social da Infância*. 1 ed. Sobral: INTA. 2016

1380

MELO, A. M. F. A ACP, a criança e o brincar. *Encontroacp*, s.d. Disponível em: <https://encontroacp.com.br/textos/a-acp-a-crianca-e-o-brincar/> . Acesso em 20/05/2023

ROGERS, C.; KINGET, G. (1972 e 1975). *Psicoterapia e Relações Humanas: Teoria e Prática da Terapia Não-Diretiva*. Belo Horizonte: Interlivros. V.1 e V.2.

ROGERS, C. *Terapia Centrada no Cliente*. São Paulo: Martins Fontes, 1992/1951

ROGERS, C. *Um Jeito de Ser*. São Paulo: E.P.U, 1983/1980

ROGERS, C. *Tornar-se Pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997/1961

SCHMID, P. F. (2006). The Challenge of the Other: Towards dialogical person-centered psychotherapy and counseling. *Person-Centered and Experiential Psychotherapies*, 5 (supl.4), 41-254. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/232915428_The_Challenge_of_the_Other_Towards_dialogical_person-centered_pschotherapy_and_counseling_Die_Herausforderung_durch_den_Anderen_Auf_dem_Weg_zu_einer_dialogischen_Personzentrierten_Pschotherapie_und_>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.